

O Forasteiro da Ópera Parisiense: A Representação do Estrangeiro em Adaptações do Fantasma da Ópera¹

Isabel Freitas Aguiar da Silva BAHÉ²

Sofia Cavalcanti ZANFORLIN³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O estudo analisa a representação figura do Fantasma da Ópera, personagem que nomeia o livro de Gaston Leroux, sobre a perspectiva do *arquétipo do estrangeiro* nas adaptações de 1925, de Rupert Julian, e de 2004 por Joel Schumacher. A pesquisa será conduzida por meio de uma análise comparativa apoiando-se na análise de representação proposta pelo teórico Stuart Hall, com o objetivo de identificar os recursos discursivos e visuais que compõem esta representação e investigar qual a condição do personagem na narrativa e se há uma naturalização desta figura como o vilão.

PALAVRAS-CHAVE: adaptação; cinema; representação; estrangeiro; Fantasma da Ópera.

A pesquisa em questão analisa o personagem do Fantasma da Ópera, personagem que nomeia a obra clássica de Gaston Leroux (2017), sobre a perspectiva do *estrangeiro* nas duas adaptações clássicas da obra - dirigidas por Rupert Julian (1925) e Joel Schumacher (2004). Consideramos neste estudo que uma adaptação é mais que uma mera *tradução* do seu texto-fonte - obra - para outra linguagem, ela se apresenta como uma *transposição dialógica*: o filme e a obra-fonte dialogam de acordo com seus respectivos tempos, linguagens e paradigmas de sentido (STAM, 2008). Deste modo, ao considerarmos os objetos - adaptações e obra-fonte - como processos de tradução intersemiótica (Jakobson, 2010) podemos estabelecer as diversas interpretações dos discursos originais da obra que circulam nas releituras.

Para a análise, parte-se do ponto que o personagem Erik - o Fantasma da Ópera - compõe o que aqui chamamos de *arquétipo do estrangeiro*. Para definir este arquétipo, recorreremos aos estudos de três autores principais que fundamentam o conceito do estrangeiro/migrante: Abdelmalek Sayad (1998), Georg Simmel e Alfred Schütz (2012).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: isabel.freitas@ufpe.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE e coordenadora do Núcleo Migrações, Mobilidades e Gestão Contemporânea de Populações - MIGRA.

De acordo com eles, o migrante é por essência um estrangeiro, visto que a partir do processo do migrar, ele é destituído de pátria, origem e identidade. Além disso, ele é deslocado de qualquer status que possuía e é privado de um “lugar” no esquema social, ou seja, a ele sempre será delegado a posição de “outro”, independentemente de suas conquistas, ascensões ou aquisições (SAYAD, 1998). A construção da figura do estrangeiro é uma forma social de ser com os outros, pois a definição de um indivíduo como estrangeiro se dá sempre por outrem (SIMMEL et al., 2012).

Em termos da construção de uma narrativa ficcional, a partir da inserção deste *estrangeiro* num grupo social, estabelece-se uma crise, por interromper uma corrente de hábitos e originar condições modificadas de consciência e prática. Essa crise se perpetua na própria figura do estrangeiro, pois no conflito cultural entre sua origem e a cultura do grupo em que ele se encontra, a primeira é excluída, ocasionando uma crise pessoal ao mesmo tempo em que ele incorpora o questionamento das normas que cercam a segunda (SCHÜTZ et al., 2012).

Desprovido de um status, o estrangeiro busca a aceitação do grupo que o cerca, o mesmo que o caracteriza como outsider (ELIAS et al., 2012), invalida sua história - pois ele compartilha o presente e o futuro com o grupo estabelecido, mas é excluído por não compartilhar o passado - e o transforma num modelo social: ele é o inimigo, delinquente, pobre, o monstro, selvagem - ele é a própria antítese do modelo de estabelecimento. Assim, as relações do estrangeiro com os estabelecidos são marcadas pela estranheza, descrença e desprezo pelos sentimentos desta figura.

A obra *O Fantasma da Ópera* (2017), publicada originalmente no ano de 1910 pelo escritor francês Gaston Leroux, leva o leitor direto aos palcos da Ópera de Paris do século XIX, onde havia o rumor de que um fantasma habitava o calabouço do lugar onde a arte reinava pela noite. Até a ascensão da cantora Christine Daaé, que encanta a figura mítica que logo passamos a conhecer como Erik, que assume a posição de protetor invisível da artista ao mesmo tempo que deseja conquistar o seu amor.

No caso desta análise, o Fantasma da Ópera pode ser categorizado como um forasteiro, um personagem que perturba a ordem do grupo social em que ele está inserido. Na obra de Leroux, a história de Erik é contada por meio de relatos - por isso não temos acesso à sua origem -, que tendem a torná-lo mais um mito do que pessoa, o que se perpetua tanto no filme de 1925 quanto em 2004. De certo modo, o personagem sofre o

sequestro de sua fala e tem sua figura deturpada - algo que se aplica ao *arquétipo do estrangeiro* no geral - (SODRÉ, 2013). Assim, uma das formas de analisar as construções linguísticas em torno do personagem é observar a sua representação nos filmes. Stuart Hall (2016) diz que a linguagem se interliga à cultura - compreensão - pela representação, que pode fixar uma identificação simbólica que naturaliza o *estrangeiro* na condição de vilão/forasteiro.

Em *O Fantasma da Ópera* (1925), Erik é retratado como uma criatura sobrenatural, que inspira o horror no espectador e contribui para a atmosfera sombria do filme, seguindo o tom dado por Leroux (2017) no livro, que tem traços góticos - onde as figuras antitéticas são representadas como criaturas sobrenaturais, dando a entender que não havia humanidade nelas. Já a adaptação de Schumacher (2004) busca criar uma relação de afeto entre o Fantasma e o espectador, romantizando o personagem - a aura de mistério se manteve, ele ganhou um rosto humanizado e sua característica principal passa a ser uma máscara - para torná-lo mais atraente ao público.

Robert Stam (2008) considera que a adaptação literária empenha-se no princípio da tradução intersemiótica, que sofre influência do tempo e contexto implícitos nesta transposição, ou seja, novas produções de sentido aderem à narrativa. A tradução intersemiótica diz respeito à transmutação do texto verbal ao não-verbal (JAKOBSON, 2010), neste caso a representação do texto literário para o cinematográfico, que abarca em si a linguagem oral, sonora e visual.

Assim, conduzimos este estudo por meio de uma análise comparativa das duas adaptações do *Fantasma da Ópera*, a mais antiga e a mais recente, apoiando-se na análise de representação proposta por Stuart Hall (2016), que considera a linguagem - elemento central para as produções de sentido que se compartilhados conceituam-se como cultura - como um próprio *sistema de representação*, pois é a partir deste movimento de representar que construímos ideias, conceitos e sentimentos.

O objetivo é identificar como as adaptações do *Fantasma da Ópera* representam o personagem Erik na figura de *estrangeiro*, tomando como base de referência o texto-fonte: o livro de Leroux (2017). Como os filmes se configuram como traduções intersemióticas da obra, será possível perceber por meio de uma análise comparativa quais são os recursos discursivos e visuais que formam esta representação. Por fim,

pretendemos investigar nestas duas obras se há uma naturalização do personagem na condição do forasteiro, cujo status na narrativa é de vilania.

No geral, é possível concluir que a adaptação de Rupert Julian (1925), por ser mais fiel ao tom da obra de Leroux (2017), bestifica o personagem de Erik, ou seja, constrói-o como um monstro, uma criatura que - pelo menos fisicamente - não demonstra traços humanos. Sua história não é contada: ele é o Fantasma da Ópera, um mito cuja própria existência é questionada. Sua relação com os outros personagens, a partir do momento em que ele se faz ver na história, é marcada pela ambiguidade e pela descrença em torno de seus sentimentos: Erik busca a aceitação por meio da afeição que não lhe é correspondida, pois os outros não o reconhecem como ser humano.

Já a versão de Joel Schumacher investe em elementos que remetem ao gótico do livro, mas diferencia-se na tentativa de humanizar a fisionomia de Erik: ele possui um rosto humano, que atrai o olhar do espectador - o Fantasma é interpretado por Gerard Butler -, capaz de demonstrar emoções e sua caracterização não é voltada para o horror - a característica 'incomum' desta versão é o uso de uma máscara. Isso não significa que a última adaptação confere um olhar sensibilizado sobre a história e condição do personagem: ele é um *estrangeiro*, sem identidade ou passado, que de tanto mistério se tornou um mito.

Portanto, as adaptações, apesar de diferentes abordagens do personagem, ainda naturalizam esta figura na posição de forasteiro: Erik, o *estrangeiro*, não tem voz na sua própria história, sendo representado como a antítese de um modelo social, aquele que causa uma perturbação no modo de viver do grupo social em que ele se encontra, e sua jornada em busca da aceitação dentro deste grupo não se concretiza, pois ele é destituído de humanidade, sendo sempre reconhecido como o 'Outro'.

REFERÊNCIAS

- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010.
- LEROUX, G. **The Phantom of The Opera**. [s.l.] AmazonClassics, 2017.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração, ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SIMMEL, Georg; SCHÜTZ, Alfred; ELIAS, Norbert; CACCIARI, Massimo. **El extranjero: sociología del extraño**. Madrid: Sequitur, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

THE PHANTOM OF THE OPERA. Rupert Julian. Estados Unidos: Universal Studios, 1925. 1 DVD (93 min).

THE PHANTOM OF THE OPERA. Joel Schumacher. Estados Unidos/Reino Unido: Warner Bros. Pictures, 2004. 1 DVD (143 min).